



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 10 de Fevereiro de 1979 * Ano XXXV — N.º 911 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



As instalações agrícolas da Casa do Gaiato de Lisboa.

AQUI, LISBOA!

«Isto de empurrar as crianças para asilos e para reformatórios, e até para as Casas do Gaiato, pode ser o mais fácil, mas não é o mais proveitoso. Eu antes queria que se tentasse o auxílio à família.» (Pai Américo)

Sem famílias fortes e coesas, amparadas e respeitadas, não se poderão assegurar os direitos das Crianças, dizíamos no último número de O GAIATO. Acrescentaremos hoje que só o casamento pode constituir a base e a força da instituição familiar, fundamento de toda a estrutura social. Mais: só o casamento cristão, uno e indissolúvel, vivido em pleno, poderá assegurar os direitos da Criança. Com todo o respeito devido às pessoas e às circunstâncias concretas de cada caso, as meras uniões de facto, as

experiências ditas de amor livre, o adultério e o divórcio, estão na origem de muitas violências, irreversíveis nas suas consequências, de que as Crianças são vítimas inocentes. A experiência de mais de vinte anos debruçados sobre os problemas da Criança assim nos diz.

O contrato matrimonial é, pois, algo de profundamente sério, a exigir preparação adequada, na maior parte dos casos inexistente. Em muitas circunstâncias funda-se quase em mera atracção física, à manei-

ra animal, esquecendo que, passada a euforia sexual, nada mais resta do que a separação dos cônjuges, deixando os filhos, se os há, em verdadeira orfandade. O Matrimónio, criado por Deus como «íntima comunidade de vida e de amor», (Vat. II) supõe-se como um acto consciente, plenamente humano, isto é, simultaneamente espiritual e sensível. Não resulta apenas de simples instinto ou de mero sentimento, mas é, fundamentalmente, acto da von-

Cont. na 4.ª pág.

O NOSSO JORNAL

Há muito que trago comigo notas para esta local, mas não sei que inércia me tem retido. E no entanto o estímulo vem dos Leitores. Eles entram pela nossa «porta aberta», assumem os nossos problemas e multiplicam-se em sugestões.

1.º — O preço: «Reparei hoje no preço do jornal e verifiquei que 2\$50 é um preço irrisório para o melhor jornal do mundo português» — escreve um António de Torres Novas.

Na verdade, quem acompanha a subida assustadora do papel, das tintas, dos óleos, das reparações de máquinas, da energia eléctrica..., de tudo, apercebe-se da oportunidade de um aumento. Mas quê? Aumentar 1\$00, 1\$50, geraria complicação de trocos na venda avulso. Subir para 5\$00 é um crescer de 100% que nos custa. Ora, justamente na venda avulso, o Povo já fez por sua conta este preço, porquanto os acréscimos vêm somando, em regra, tanto como os jornais vendidos ao preço tabelado. Porque aumentar, então? Porque não deixar à espontaneidade dos nossos Amigos a actualização

dos valores materiais? Foi o que decidimos por ora, enquanto puder ser.

Para os Assinantes, a taxa que temos considerado, são os 60\$00 anuais. Assim contabilizamos, tomando o excesso como donativo. Ora parece justo que aqui se proceda a um acerto contabilístico, porquanto a maioria dos Assinantes manda mais. Digamos os 100\$00, que é o valor mais frequente das remessas pró jornal. E assim, também neste ponto, nos deixamos conduzir pela solicitude dos nossos Leitores.

Isto não quer dizer, acentuamos, uma fixação rígida de preço. Se grande número envia quantias superiores, outros enviarão o que puderem. Desde que o jornal seja para estes uma necessidade, uma fonte de comunhão de vida, o preço está sempre saldado com o quer que seja, até com nada.

Quero registar aqui atitudes cheias de delicadeza dos que menos podem e muito nos querem: «Juntem dois jornais e mandem só uma vez por mês, para poupar tempo e dinheiro». Outros, vivendo longe, insistem que «não mande por avião, que sai muito caro». Outros aceitam que lhes cortem o jornal, uma vez que só podem retribuí-lo com tão pouco. Só Deus sabe o valor real da retribuição de cada um! Enquanto Ele nos ajudar, nada disto faremos. Cada apaixonado receberá o seu jornal, número a número, e o mais depressa possível.

2.º — Os em atraso: São muitos, temos de o afirmar. São muitos e é natural. Fugindo nós de toda a regra de comercialização; sendo as vidas de todos cheias de tanto em que pensar — é natural que a muitos passe a lembrança da sua assinatura. Ouçamos esta voz que se confessa:

«Ontem enviei um vale de correio de 1.000\$00 para pagamento de livros que me têm enviado e da assinatura do jor-

Ai dos Pobres se não fossem os Pobres!

Eram duas mulheres do Povo. Uma branca, outra preta. Vizinhas e cunhadas que vivem numa aldeia perto de nós. Vieram desafiar-nos para irmos ver a sua casa. Eu estava na adega e elas entraram, apressadas, para dizer ao que vinham. Uma conhecia-nos porque já a tínhamos ajudado (uma insignificância) na construção da sua casa. A outra, vinda de Angola, pareceu-me desolada e só. Casada e com três filhos e outro quase a nascer. Chorava, porque lhe chovia em casa. E a obra mal acabada, estava muito longe de ser ha-

bitação para uma família. Afli-ta dizia: «Aos fins de semana, temos aqui sempre motorizadas e carros a pedir-nos o dinheiro da placa, dos blocos, etc... O meu marido trabalha na Carris e o dinheiro que ganha, depois dos descontos feitos, viagens, comer, vestir, não dá para pagar a quem devemos os materiais de construção». Claro que não. Fui ver o caso. Era uma casa sem janelas de vidro, sem pavimento, sem tecto. O tecto, coberto de gotas de água que iam caindo distraidamente, tinha a cor do tijolo molhado. Os três mulati-

tos brincavam aos buraquinhos na terra, enquanto a mãe contava que de noite os mudava de sítio por causa dos pingos da chuva. Tudo tão molhado e triste... Riscos da Auto-construção! Castigos de quem quer habitar uma casa a que tem direito. Violências de uma pobreza ousada. Defeitos da luta pela habitação. Em Fevereiro, um novo habitante aparecerá naquela casa de família. Alimentado hoje já com o leite da dor, amanhã simplesmente sofrerá sem saber... E nascerá no Ano Internacional da Criança! Depois a mãe lhe contará

a história de como e quando um bebé pequenino nasceu... Mais ninguém!

Só mais um pormenor. Já próximos da sua casa, vem um cão a ladrar e a mãe defende-me: «Não morde; é daquela senhora que está a estender a roupa e que tanto me tem dado! E é pobre também». Ai dos Pobres se não fossem os Pobres! Até parece que os cães deles não mordem!

E eu não ficava satisfeito se não pusesse aqui a lição!

Padre Moura

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

NATAL E ANO NOVO — Creio ser ainda oportuno falar destas duas datas. Da primeira, porque Natal deve ser todos os dias. Assim deveríamos pensar, sentir e fazer por isso. Da segunda, porque o novo ano não vai ainda tão avançado como poderá parecer.

Mais uma vez se festejou uma data rodeada de expectativa e preparação (advento) para a vinda de Alguém. Isto pelo lado religioso. Por outro a agitação e a pressa do quotidiano que o comércio impulsiona e faz a preocupação das prendas tomar o primeiro lugar. Será discutível, mas parece evidente que o Natal perdeu parte do sentido religioso próprio. As pessoas sabem, ou lembram-se nesta altura, que nasceu um Menino lá para os lados do Oriente (é um facto histórico indiscutível); sabem que pensava e agia de maneira diferente e «até era um cara bem legal!» Mas desconhecem tudo o resto ou não aceitam. Outras, levadas por esse sentido religioso, promovem o reencontro familiar, vão à Missa do galo, distribuem esmolas com maior generosidade e ficam tranquilas numa simulação de fé. Lembra-se de Deus nesse Dia para esquecê-lo nos outros 364 do ano.

Enviem-se cartões de Boas-Festas imprégnados de falsidade. Feliz Natal hoje, brigas e rivalidades amanhã. É a continuação duma conduta negativa. Exibe-se uma alegria que não existe. Muitas vezes, depois de haverem trocado votos de felicidades, beijos e presentes, surgem as discussões. As prendas que deveriam ser dadas espontaneamente, sem dia marcado e sem obrigação de retribuição, convertem o Natal no Dia Mundial das Compras e Vendas. É a festa comercial. Há ainda o aspecto gastronómico. Os excessos são factos frequentes: perú, bacalhau, bolos, licões etc!

Para-se nesta altura com uma guerra para que haja aquilo a que chamam confraternização dos homens. Mas só nesse Dia! Considera-se isto como uma atitude honesta. Que absurdo!

É difícil deixar de pensar que o Natal é privilégio de uma minoria. Infelizmente são ainda muitos os que não podem contar com ceia ou troca de presentes. Reduzem-se à singeleza do presépio (a melhor parte), ou à lembrança da Noite Feliz, recordando Aquele que nasceu em ambiente humilde e que veio para os humildes de coração.

O nosso Natal foi ótimo. Situados num posto de recepção, sem captação de som nem emissão de imagens, recebemos e temos recebido inúmeras manifestações de solidariedade de vários tipos. É uma vaga imensa que nos chega durante todo o ano, de todos os pontos. Dando com a mão direita, sem o saber a esquerda, vimos crescer uma pirâmide permanente, bem sólida, dilatada pelo espírito de comunhão, alicerçada no amor fraterno.

No dia 1 de Janeiro ter-se-iam promovido tréguas neste Mundo a girar cada vez mais depressa, embora os dias se sucedam iguais e com a mesma cadência, onde prevalece ódio e a destruição. Quando virá dia em que a amizade prevalecerá?

Pode parecer utópico, pode não resistir à análise dos factos históricos, mas acredito que podemos vir a viver esse dia. Ambas as datas referidas bem podiam ser dias de convite à reflexão efectiva sobre tudo isto. À reflexão optimista daqueles que lutam por serem felizes e fazerem os outros felizes também, neste mundo, apesar de tudo, ainda maravilhoso com possibilidades de estar repleto de paz, amor e confiança. Quando isso se atingir teremos então o tão querido Dia Mundial da Paz.

VISITAS — Buscando a sua identidade e promovendo a sua própria formação, teve lugar nesta Casa um encontro de Cursistas. No final houve um lanche de confraternização à semelhança de vários outros já efectuados.

De referir também a presença dos Amigos da STET e do Banco Pinto e Sotto Mayor. Ambos os grupos representaram para nós peças de teatro infantil e alegraram-nos com a sua presença. Do primeiro ficou a ideia de que o Natal deve ser um direito igual para todos. Que a prenda mais valiosa é a amizade e que, como diz a canção, os amigos são o nosso bolo de Natal. O segundo grupo alertou-nos para a função de cada um de nós como «peça» desta vida. Não devemos escusar-nos à nossa missão nem fugir do nosso lugar para que a «máquina» da Humanidade marche sempre para melhor. A ambos os núcleos de Amigos o nosso obrigado sincero pela vossa presença e a certeza de que poderão vir sempre que queiram.

O último grupo a visitar-nos era constituído por elementos estrangeiros de várias nacionalidades. Uma presença que começa a tornar-se tradição e a confirmação que a partilha e a amizade não têm fronteiras.

Jorge

Paço de Sousa

AGRADECIMENTO — Os pequenitos da casa 4 mandam, para uma senhora de Alcobaça, 30 beijinhos pelas luvas tão lindas que mandou.

Realmente, também fiquei encantado pois as luvas são quentinhas e todas de cores garridas, o que dá grande alegria aos pequenitos.



Rouparia da Casa do Gaiato de Benguela.

CASAMENTO — Houve mais um casamento em nossa Casa, mais um dia de alegria e boa disposição.

Casou o nosso ex-chefe maior, o «Coradinho», com a Fernanda.

A Missa, para a qual estavam presas as nossas atenções, foi por volta do meio-dia, seguindo-se a boda.

Muitos dos nossos foram-se chegando ao noivo com o fim de tirarem fotografias.

O tempo, na parte de manhã, queria prometer um ótimo dia de sol, mas para a tarde a chuva tornou a cair, dando até um ar da sua graça a este dia de festa.

Depois da boda, em que a alegria foi rainha, e a pedido do noivo, fomos para o nosso salão, onde houve um pequeno baile, musicado pelo nosso Conjunto. Cada rapaz procurou o par próprio e que lá estiveram a dançar até ao fim. Ninguém arredou pé!

Um dos nossos deu mais um passo na vida, passo decisivo. Ele vai viver uma vida muito diferente da que até agora viveu connosco e oxalá saiba estar no seu lugar, porque a vida é difícil e cheia de contrariedades.

Felicidades, Manuel e Fernanda.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS — Últimamente tem chovido muito, mas, mesmo assim, a ginástica não pára! São os pés descalços e frios que correm nos nossos caminhos. Falta de sapatilhas!

A fábrica «Coca-Cola» já nos mandou bastantes camisolas para que pudéssemos resolver o problema. Muito obrigado.

Mas não são precisas só camisolas, também são urgentes calções e meias para os treinos e jogos.

Enquanto não se conseguir arranjar o equipamento indispensável, a ginástica vai-se processando de maneira incrível. Venham ver!

Têm-se realizado jogos amigáveis com equipas daqui, de Paço de Sousa, que não levaram a melhor mesmo com a nossa equipa B.

Apelamos mais uma vez para os desportistas que tenham aí por casa sapatilhas, calções e meias desocupadas, que no-las ofereçam. Precisamos desse material!

Mesmo dos clubes que nos possam ceder algum equipamento aguardamos notícias, na certeza de que compreenderão e darão a ajuda de que necessitamos.

Aguardamos com expectativa!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — A última reunião da nossa Conferência foi de acção de graças por havermos podido dar a mão a muita gente, durante o ano de 1978, exactamente porque o Senhor nosso Deus motiva torrentes de generosidade na alma dos leitores de O GAIATO.

Nesta coluna as *procições* somaram 220.338\$00, mais 2.985\$00 doultras proveniências!

Distribuímos pelos Pobres: em dinheiro, 65.395\$00; mercearia, 28.598\$40; funerais, 5.500\$00; assistência medicamentosa, 7.071\$30; despesas diversas, 1.100\$00; contribuição para o Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo, 4.183\$80; e 111.000\$00 por 25 Auto-construtores, na média de 3 e 5 contos por cada um!

Foi uma partilha discreta, oportuna. Aliviámos muitas dores. Solucionámos problemas. Colhemos muitas lições d'heroísmo!

Nos domínios da Auto-construção — e connosco os nossos leitores — estancámos lágrimas de sofrimento e angústia; num caso ou outro, mau grado as nossas limitações, somos arautos de Esperança.

Nem toda a gente faz a mínima ideia das heróicas restrições a que se submetem todos quantos, por imperiosa necessidade, se lançam a erguer uma moradia pelos seus braços, com a ajuda da família, de amigos, de vizinhos. Estas acções são uma verdadeira *loucura* que o mundo nem sempre avalia em toda a sua extensão. Eles, os Auto-construtores, já o temos dito e não cansamos de repetir, são os mais sacrificados investidores do

nosso País. Merecem, por isso, o devido respeito da Nação e dos seus responsáveis. São cidadãos a quem deveriam aliviar ou eliminar todos os escolhos, todos! E dar-lhes o máximo de estímulo — nos termos da actual Constituição do País. Não são necessárias centenas de milhares de fogos? O Estado, face à retracção da iniciativa privada, pode arcar com a empreitada? Pois eles, os Auto-construtores, grande parte sem bens de raiz, estão exactamente a suprir algo das fantásticas carências que ao Estado — e não só — competiria resolver.

PARTILHA — Bairro de Paranhos (Porto), 300\$00 «por alma de minha santa Mãe e meu Marido». São lendas de fé, que sublinham o vínculo da Família. Luiza, d'algueres, vai com 100\$00. Rua da Lapa (Lisboa), o dobro. Velha Amiga, ora em Oliveira do Bairro, mais de quatrocentos escudos. Assinante 259, da Invicta, 150\$00. Mais 100\$00, de Tomar. Mais 150\$00, de Sertã, «em acção de graças». «Velho Amigo» do Porto manda seis notas oferecidas pela Esposa. Rua Marquês da Fronteira (Lisboa), duzentos escudos. Assinante 8492, do Porto, uma bolada distribuída por vários sectores e pelos Pobres da Conferência. Alcochete, 400\$00. Metade de um homónimo, assinante 1295, do Porto. Macedo do Peso, 100\$00. Praça de Alvalade (Lisboa), o dobro. Uma nota grande pela mão de um antigo condiscípulo, cujo abraço retribuimos com amizade. Mação, 100\$00. «Uma nulidade», d'algueres, presente uma vez mais, com a humildade habitual. Por intermédio do Espelho da Moda: 30\$00 da Rua da Conceição; 500\$00 do assinante 10458; o dobro do n.º 13519, relativos a Janeiro e Fevereiro. Meschede (Alemanha Federal), dez marcos.

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

As nossas prendas de Natal têm o sabor espiritual a animá-las. O cartão que vos vamos mostrar é o timbre da presença de todos os que são obreiros connosco. Todos obreiros em colaboração com Deus. Deus criador e pai de todos os homens.

«Queridos amigos, votos de que tenham tido também um santo e feliz Natal.

Mais um ano passou e aqui estou, como já vai sendo hábito, a dar um pouco daquilo tudo que o Senhor me quis trazer ao longo deste ano, em recompensa do meu trabalho.

É espantoso notar que com o correr dos anos Ele me recorde sempre os mais desfavorecidos e logo de seguida me dê mais do que o habitual. São grandes os Seus desígnios!

Peço a Deus que o ano que agora começa seja o melhor possível para todos vós, com saúde, pão, paz e amor.

Não sei que vos dizer mais! Antes de escrever, sempre idealizo o que direi; porém, ao transpor para o papel, vão-se

me as palavras embora. Não é por acaso! Desculpem-me.

Um grande abraço em Cristo Renascido, deste casal amigo que vos pede orações por alguns familiares doentes.»

Com muita humildade para repartirmos — como este casal — vamos colocar aqui as prendas do nosso presépio:

Senhora nova a quem Deus levou o marido vem com um cheque; 200\$00 em vale, de Condeixa; todos — e foram muitos — os que chegaram ao nosso Lar de Coimbra; 100\$00, «uma migalhinha para o Natal dos gaiatos»; todos os risos da Maria Tereza e do outro Pessoal da Casa do Castelo quando apareço e me estendem a mão com os envelopes e vão buscar embrulhos que estão guardados.

Mais uma oferta de Professora amiga que Deus chamou; dois cheques e a simpatia de todos os do Salão Azul; 500\$ mais 300\$ de Casais do Campo; 200\$ pelo filho Guilherme

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 2.ª pág.

José; 100\$ deixados no Piódão; 1.000\$ que casal de Pombal veio trazer; 1.500\$ e roupas que Professores da Lousã angariaram; o casal de Leiria com as suas lembranças de Natal; 500\$ ao vendedor na Sertã «de uma mãe preocupada com o filho»; seis meses pela mãe Ana da Covilhã; Amigo vizinho com 3.000\$ para o bacalhau: «que-ro que vocês comam bacalhau na ceia de Natal, embora eu com a minha família possamos não o ter para comer»; 500\$ de vicentina de Arganil.

Mil escudos de casal das Meãs do Campo; cheque e carta ao vendedor de Tomar; 500\$ num jantar-convívio na Lousã; 100\$ de senhora de Pereira do Campo; dois vales e a velha presença de «uma figueirense»; dois cheques de Castelo Branco; 500\$ em cheque de sacerdote de Coimbra; 200\$ em carta da Figueira da Foz; mais 2.000\$ de Professora, velha Amiga, que fomos visitar; 1.000\$ de senhora doente que

fomos ver; a visita com envelope e bolos e outras coisas, do Amigo que há muito não falta nestes dias; 1.000\$ de duas irmãs anónimas; 2.500\$ em cheque de Armazém, pequeninas ofertas na igreja de S. José; 500\$ em carta de Buarcos; 200\$ em vale da Lousã; vales do Luso e dois cheques da mesma terra.

Sacerdote que muito nos ama e que toma a seu cuidado a despesa com a ceia de Natal; 750\$ em vale de M. Alice de Leiria; 500\$ de menino da Lousã e igual quantia do Amigo que o acompanhou; e os bolos-rei e vinhos e lembranças e a presença de muitos que criámos e que agora vêm com as mulheres e os filhos; 1.000\$ em cheque de Pombal; 1.000\$ em vale da Lousã; 1.000\$ em cheque de Castanheira de Pera; uma grande caixa dos Amigos do Clube Académico de Coimbra.

Amigos que celebraram connosco a Missa de Natal, deixaram-nos suas ofertas; 100\$ por alma de Luiz António;

1.000\$ de M. Emília; 200\$ em cheque de Amiguinhas de Mação. Que bom e que bem os Pais e Avós ensinarem as crianças a repartir! Ficou-me uma mágoa tão grande no coração e na alma ao ouvir, mais de uma vez, que os filhos tinham recebido tantos presentes que não sabiam de qual gostar mais. E a maior parte das crianças do mundo inteiro não recebeu nenhuma prendas! E os nossos, muitas vezes, ficam contentes com as prendas já partidas dos filhos dos outros!

Cem de Dafundo; 150\$ em vale de Amadora; 500\$ e 1.000\$ e a sempre tão velha amizade em Medelim; 1.000\$ e mais 500\$ e abraços em Cebolais; 2.000\$ no Fundão e cheque de 300\$ na mesma terra; vários 100\$ em Castelo Branco; 2.500\$

mais 800\$ em casa de Amigo; pequenas ofertas entregues aos vendedores; a lembrança de há muitos anos de Fábrica de Curtumes de Coimbra; as meias da «Alcatifas da Lousã»; 500\$ e bolos de médico da Sertã; ofertas na Sé de Castelo Branco; 2.370\$ dos Funcionários das Telecomunicações de Coimbra; vinte marcos e calçado que veio trazer uma mãe que ganha a vida, com os filhos, na Alemanha; 3.000\$ e roupas de casal de Leiria; todos os que nos visitaram.

Família de Médico que veio com 1.520\$; 1.000\$ por alma da Esposa; 500\$ em cheque de Paiva & Paiva; 100\$ em carta de Lisboa; cheque de 250\$ de Lisboa; vale de 100\$ de Vilar Formoso; 2.000\$ em vale de Soure; 100\$ mais 200\$ de visitantes da Chamusca; 40 cruzeiros do nosso Azevedo; pequenas lembranças e uma carta ao vendedor na igreja dos Franciscanos; 200\$ a pedir a saúde da nora, da Figueira da Foz; 500\$ de uma Mãe rica de

filhos e pobre de bens «com muita mágoa de ser tão pouco, mas com muito amor»; 1.000\$ em cheque na visita a Professores no Porto; 100\$ em cheque, de Oliveira de Azeméis; 1.500\$ em cheque, de Odivelas, de Amigo a recordar horas muito felizes que passou connosco; cheque de Tomar para intenções de Missa; a anónima de Miranda; o Amigo de Miranda que já há anos nos calça todos de botas novas; 1.250\$ «produto do Presépio vivo feito pelos jovens de Vila Seca». Parabéns!

E os dois dias de convívio que os Amigos de Miranda do Corvo que fazem as Festas connosco nos seus carros e alguns Amigos de Coimbra e arredores que não passam sem os encontros com os gaiatos. Deixaram-nos a Casa cheia de mimos e amor.

Temos razão de sobejo para estarmos contentes com o Menino Jesus e com todos os que O conhecem presente na vida e nos Irmãos.

Padre Horácio

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Aí vai uma procissão de duzentos e tal novos assinantes. E está outra para sair que não anda muito longe desta!

A gente fica radiante pela procura de O GAIATO; pelos entusiastas que motivam novos assinantes; mais ainda por todos quantos sollicitam o jornal sem intermediários.

O certo é que, durante o ano passado a tiragem subiu 5.000 exemplares; dos quais muito mais de 50% para novos assinantes.

Vamos continuar a procissão! Há muitos Amigos, por esse mundo de Cristo, a quem bastará só bufar, que o resto vem por acréscimo. E são muitos. Mais do que a gente imagina. A maior parte sabe que a Obra da Rua é, mas esquece O GAIATO. E é exactamente nele, por ele, que, à distância, nos encontramos; e onde todos poderão conhecer e viver a Mensagem de que a Obra da Rua é portadora.

As cartas e postais e recados, que temos em mãos, são fogo escaldante! Quiséramos dar tudo à estampa. Mas não pode ser. E com muita pena.

Lisboa:

«Neste dia de Natal, dia belo em que contemplamos o Deus pequenino, lembro-vos a todos.

Aprecai sempre tudo o que tendes — é tanto! E, se for preciso, sacrificai-vos para serdes homens de alma e coração abertos a tudo e a todos, num sentido de crescimento recto e elevado na vida.

Sou uma pessoa idosa, uma avó de 17 netos, a assinante — já antiga — n.º 6230. Leio O GAIATO de ponta a ponta e faz-me óptima companhia.

Agora pensei oferecer aos quatro netos — 4 rapazes mais velhos — e um de cada filho meu, uma assinatura de O GAIATO, que, é claro, será paga anualmente junto com a minha.

Mando à parte nomes e moradas deles, desejando que não

tardem a mandar o jornal. Quero que eles entrem dentro da realidade do que é a vossa Obra. Saibam apreciar tudo que ela possui e também dêem melhor valor ao que, dentro das suas casas, com os pais, eles desfrutam.

As realidades, mesmo as mais difíceis, são grandes mestras que nos ensinam muitíssimo...»

Uma carta de se lhe tirar o chapéu!

Caso curioso: no meio da procissão vão outros Pais e Avós dentro da mesma linha, chegando Fogo aos descendentes. Sangue novo!

«Sou uma Avó preocupada com a juventude — afirma esta tripeira — e, por isso, me lembrei que a leitura de O GAIATO pode ser uma boa ajuda para os meus netos, se o Espírito Santo quiser que frutifique o meu gesto. A nós só compete semear...»

Mais uma carta de Lisboa, também muito oportuna:

«Tenho lido, algumas vezes, O GAIATO. E lamento que seja tão simples que nem sequer põem o preço das assinaturas, para aqueles que querem ou podem ser assinantes! Quanto custa a assinatura de O GAIATO anualmente ou por trimestre? Gostava de saber, pois quero ser assinante...»

Muitos interpelam-nos com a mesma admiração! Mas O GAIATO é como é. Nunca estabeleceu preços d'assinatura. No cabeçalho está o de cada exemplar só para cumprirmos a lei. Ora os bons Amigos desobriguem-se como entenderem, todos os anos, que o papel e as tintas são muito caros. E, a propósito, há um grupo de assinantes que, por negligência, vão esquecendo o compromisso. Alguns dos quais, com certeza, não podem cumprir por dificuldades na vida. Mas quem não pode, não se aflija. Só arrumará contas quando, como e

se puder. Pedimos só o obséquio de nos informarem. Sublinhamos: nunca, por este facto, suspendemos O GAIATO seja a quem for — desde que nos esclareçam, repetimos.

E que dizer do interesse dos leitores em cativar colegas de trabalho, da sua roda de amigos? Uma assinante de Belazaima do Chão inscreve «moça amiga que ainda mal conhece a Obra da Rua. Mas espero que se entusiasme por ela, como eu me entusiasmei!»

A propósito do compromisso da assinatura, passa agora, pelos nossos olhos, um leitor da capital com notas de Banco pela inscrição de um novo assinante e dá a explicação: «Eu sei que mandam O GAIATO sem condições, mas trata-se de uma pessoa cumpridora, é por isso que a indico».

Não podemos ir mais além! Eis o grosso da procissão: Cascais, Pinhal Novo, Rebordosa, Ilhavo, Casais dos Penedos, Custóias, Lagoa (Algarve), Amadora, Rio Tinto, Argoncilhe, Arcos de Valdevez, Aveiro, Sacavém, Oeiras, Águeda, Albergaria-a-Velha, Macinhata do Vouga, Ericeira, Caparica, Teixoso, Loures, Grijó, Espinho, Vila Nova de Gaia, Coruche, Estoril, Santo António dos Cavaleiros, Ovar, Rivas, Arruda dos Vinhos, Coimbra, Gavião, S. Mamede de Infesta, Mem Martins, Alcobaça, Monte Gordo, Cacela, Caxias, Maia, S. João da Pesqueira, Lorvão, Aljustrel, Caldas da Rainha, Vimeiro, Cádiz, Torres Novas, Valbom (Gondomar), Cristelos (Lousada), Massamá, Valadares (Gaia), Braga, Vila do Conde, Valongo, Ermesinde, Cascais, Leça do Bailio, Taipá (Eixo), Alijó, S. Mamede de Riba Tua, Gouveia, Carraceda de Ansiães, uma grande coluna do Porto e Lisboa, Paris (França), Luxemburgo, e Kobenhavn (Dinamarca).

Júlio Mendes



Cá estou de novo a dar notícias. Embora a quadra natalícia já tenha passado, não esqueci os nossos Amigos junto do Presépio, pedindo para todos muitas bênçãos do Céu, Paz e Alegria.

O meu segundo apelo continuou a ter eco nos vossos corações. Alguns escreveram pela primeira vez, outros já são conhecidos. Uns não traziam endereço, por isso não agradeci directamente. Um donativo veio do Porto, porque vi o carimbo, até vinha a carta multada porque decerto lhe caíram os selos. Paguei a multa e fiz bem, porque senão ia para o cesto dos papéis segundo me disse o carteiro, e lá se perdia o donativo. Embora queiram o anonimato, fazem mal em não mandar pelo menos a direcção. Lisboa: uma empregada doméstica, já cansada e doente, pede que reze por ela para que Deus a ajude a aliviar sua cruz. Braga. Mem-Martins. Filhas: «É poucas vezes que recebem ajuda minha, mas se é certo que eu me esqueço, também a vossa presença em O GAIATO faz falta, pois se fosse mais frequente não nos deixava esquecer tanto». Guimarães. Porto. Belazaima. Febres. Madalena-Gaia. Braga, uma senhora doente que tem muita pena de não poder visitar as doentes

Maria Augusta

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

tade livre, destinado a superar as próprias contradições da vida, nas suas alegrias e dificuldades, de tal modo que os contraentes atinjam a perfeição humana possível, num só coração e numa só alma. Revestido de amor total, sem reservas e sem cálculos, supõe um compartilhar permanente e uma dádiva de um ao outro dos seus membros; e o amor total entende-se fecundo, na comunhão dos cônjuges e suscitando novas vidas, dado que o casamento e o acto conjugal estão em si mesmo ordenados para a procriação e educação dos filhos, a maior riqueza dos pais e o grande contributo para sua felicidade.

Os direitos da Criança, para serem devidamente equacionados e defendidos, exigem, pois, uma preparação cuidadosa dos futuros pais, nos planos científico, moral e espiritual. O conhecimento recto da sexualidade, da sua importância e das suas potencialidades; a aquisição de uma certa maturidade psicológica e fisiológica, incompatível com precocidades; a aquisição de noções sérias sobre puericultura, planeamento familiar e paternidade consciente são, entre outros, factores importantes a considerar, se queremos, à partida, assegurar empenhadamente os direitos dos nascituros. E esta preparação entende-se começada, e bem, antes do casamento. Os edifícios não se levantam a partir do telhado, antes supõem alicerces fortes e capazes.

Não basta que a Constituição, no seu artigo 36.º, número 1, venha dizer-nos que «todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade». Importa sim que o Estado a todos os cidadãos asse-

gure efectiva e realmente os requisitos indispensáveis, materiais e morais, para a consecução dessa finalidade. Tragicamente não é isso o que se verifica, pois os condições económicas e habitacionais, os aspectos laborais visando a estabilidade e união da família, a degradação moral da vida social e certo tipo de legislação atentatório da sua coesão e dignidade, favorecem precisamente o oposto.

A Igreja, depositária dos valores perenes do Evangelho, compete um papel essencial neste capítulo. Se o Matrimónio não é, como escreveu Paulo VI, «fruto do acaso ou produto de forças naturais inconscientes», mas antes «uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o Seu desígnio de amor», confere-lhe o direito e a grave obrigação de tudo fazer no sentido de o defender da degradação a que o ataque cerrado dos seus inimigos o sujeitam. Efectivamente,

se «mediante a doação pessoal e recíproca, que lhes é própria e exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento pessoal, para colaborar com Deus na geração e educação de novas vidas», há que desdobrar-se em esforços no intuito de esclarecer e formar os seus filhos, insistente e firmemente, sem tergiversações, no respeito pelo seu ser, na visão dos valores em jogo, terrenos e sobrenaturais, humanos e eternos.

Portanto, se sem famílias capazes e em condições não é possível assegurar a defesa dos direitos da Criança, importa lutar com toda a força de alma para que o contrato matrimonial, que está na sua base constitutiva, seja revestido de toda a dignidade e rodeado de todos os elementos indispensáveis para o seu êxito e salutar funcionamento. Falar de direitos da Criança sem observar estes pressupostos é conversa bara-

ta, cujas consequências estão bem à vista.

É tempo de se acabarem com os meros espectáculos que se observam quando dos casamentos. Importa tudo menos a realidade que o acto matrimonial contém e responsabiliza: parada de trajés, flores, grandes banquetes, música, fotografias e outras futilidades, constituindo uma autêntica profanação do sacramento realizado. Depois, e não raro a breve prazo, são as separações e o abandono dos filhos, com toda a série maléfica de consequências conhecidas. Sim, Amigos, o ambiente natural das Crianças, do seu desabrochar e do seu desenvolvimento, sem carências de vários tipos, é a família. E esta supõe uma constituição consciente, apoiada e protegida, a todos os níveis. Ao contrário, temos os resultados naturais: asilos, reformatórios, Casas do Gaiato, prisões, droga e miséria, em geral. Continuaremos.

● Os senhores deste País, se querem efectivamente respeitar o Povo, sobretudo aquele que sofre elevadas carências e dificuldades, devem revestir-se de verdadeira humildade e

evitar ostentações ofensivas da sua dignidade e do seu estado de vida. Sabe-se que se multiplicam as comensais de alto quilate e as frequências dos clubes nocturnos e dos recintos de diversões, muitas vezes de duvidosa índole. Há que ter decência e respeitar os mais pobres e marginalizados. Sabemos que muitos que falam e gritam só não são burgueses, naquilo que o termo pode ter obtido de deturpação, se não podem. Mas falar em nome do Povo, se não exige o assumir das privações e sofrimentos dos infelizes, pede, pelo menos, parcimónia e consideração por ele, dando, aliás, o exemplo de austeridade que a todos é pedida.

● Respeitando atitudes diferentes preferimos, no entanto, não fazer nestas colunas qualquer alusão pessoal a dádivas remetidas, salvo para expor doutrina ou evidenciar algo extremamente importante, de interesse colectivo. Aqueles, porém, que nos enviam o endereço não deixamos de acusar o recebido, para seu descanso e tranquilidade, assegurando sigilo absoluto.

Padre Luiz

O nosso JORNAL

Cont. da 1.ª pág.

nal de anos anteriores que não têm sido pagos.

Tem havido muito descuido no envio de dinheiro e este, estou certa, ainda não salda a conta em atraso, mas prometo que vou procurar ser mais regular e dentro de curto prazo remeter-vos mais algum.

Tem-me impressionado a maneira como trabalham! Se todo o mundo católico trabalhasse como vocês... nem tinham sido necessárias certas trans-

formações sociais revolucionárias!... Porque a doutrina cristã «falava» por ela.

Somos uns assinantes antigos (foi meu falecido marido quem iniciou a assinatura, aí por volta de 1947) e... se fosse olho por olho, dente por dente, há muito que me tinham cortado o jornal! O que não aconteceu, graças à vossa extraterrena contabilidade!»

Pois bem, para obviar a estes esquecimentos, além do postal-aviso que à nossa «desorganização» se não torna muito viável e que em regra só é editado de 2 em 2 ou 3 em 3 anos — aparece este Fernando do Porto com uma proposta de solução:

«Como vós tendes alguns assinantes que se esquecem de pagar alguma coisa pela assinatura todos os anos, eu venho apresentar-vos uma sugestão que vi posta em prática no jornal «Mensagem de Fátima».

Consiste no seguinte:

Se o assinante, por exemplo, deve as assinaturas de 1976-1977-1978, põem junto do endereço: D 76-77-78.

E desta maneira simples, quando o assinante quer saber como está de contas com o jornal, nada mais tem que fazer do que olhar para o endereço e logo vê se está a ser «caloteiro».

Como acima disse, a ideia não é minha. O seu a seu dono!»

Vamos estudar esta proposta e talvez ela resolva o problema. Se assim for, atenção, pois, Leitores em dúvida sobre o estado das suas contas, à nota do endereço. É mais

um códigozinho neste tempo deles!

3.º — Cobrança: A ninguém repugna mais do que a nós. Só assim procedemos com aqueles Assinantes que o exigem ou com outros que, tendo sido abordados mais vezes por outros modos, não dão sinal de vida. E aparecem alguns com 6 e 8 e 10 anos de silêncio, como aqui já tem sido dito!

Parece que, com o encarecimento dos portes do correio, são os próprios Assinantes a acordar para o inconveniente deste processo:

«A assinante de O GAIATO com o n.º 9124 foi apresentado por intermédio dos Correios um recibo que veio à cobrança, no valor de 75\$00, que pagou (60\$00 da assinatura e mais 15\$00 da cobrança) sem se ter apercebido, de momento, que também estava a concorrer com um óbulo para os Correios. Como a minha assinatura já de anos é voluntária e também liquidada por cheque de 100\$00, fica assente para o futuro: Se tal forma de pagamento me for imposta, não farei tal liquidação.

Além do custo, acontece que, às vezes, a cobrança surge quando a pessoa não está na melhor situação para a liqui-

dar. Ou então não está ninguém em casa e a cobrança ficou sem efeito.

Não há, pois, como cada um tomar a iniciativa de mandar o que entender e puder, quando melhor puder, para liquidação da sua assinatura, por vale ou por cheque; ou depositando a importância nas nossas contas bancárias e enviando-nos o talão de depósito com a legenda «é para a assinatura de O GAIATO»; ou ainda por entrega nos nossos Depósitos: O Montepio Geral, em Lisboa, a Casa do Castelo em Coimbra, o Espelho da Moda no Porto. Em Setúbal, o nosso Lar fica muito à mão.

Para remessas por correio o preferível é sempre o cheque dirigido à Casa do Gaiato. Assim, mesmo no caso de extravio, não há verdadeiro prejuízo. E cada qual pode controlar pelo extracto da sua conta bancária se o cheque foi ou não descontado. Se não foi, é que houve extravio e o mal remediar-se-á por uma segunda via.

Oxalá os nossos Leitores tomem bem conta deste recado e todos demos as mãos para o mais pronto e económico acerto dos nossos compromissos.

Padre Carlos

FESTAS

Recentemente, fomos ao Porto, a fim de contactar a Administração do Coliseu por mor da Festa. A mesma simpatia e receptividade! Sugerimos data que levámos na manga: 5 de Abril, à noite. Não será alterada, com certeza, salvo motivo imprevisto.

Saímos a porta do Coliseu e, acima, na praça dos Poiveiros, entre sardinhas e canastras de fruta, alguém pergunta «quando é...!» Juntam-se mais. Informámos o dia. E, daquelas bocas, em jeito de festa, exclama-se um «ai que bom», «eu não falto».

Outros, noutros lugares, também quiseram saber e houve que repetir: 5 de Abril.

É assim, no Porto! E noutras localidades também há quem esteja preocupado, queríamos dizer, muito ansioso pela nossa Festa em seus palcos. Lá iremos! Entretanto, os senhores preparem-se; e preparem seus vizinhos, amigos e familiares.

Cá por Casa (outros dirão) o grupo não tem mãos a medir! Dias fortes de ensaio: sábados e domingos. Agora mesmo, sr. Emídio passa por nós, com um sorriso nos lábios, afirmando que não há memória de as músicas estarem prontas com tanta antecedência. E mostra os papéis, todo ufano: — Nunca como este ano! Ora veja...

Vamos à Festa, que espera por nós — os de lá e os de cá — pois ela é assim mesmo: um abraço d'amizade.

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa